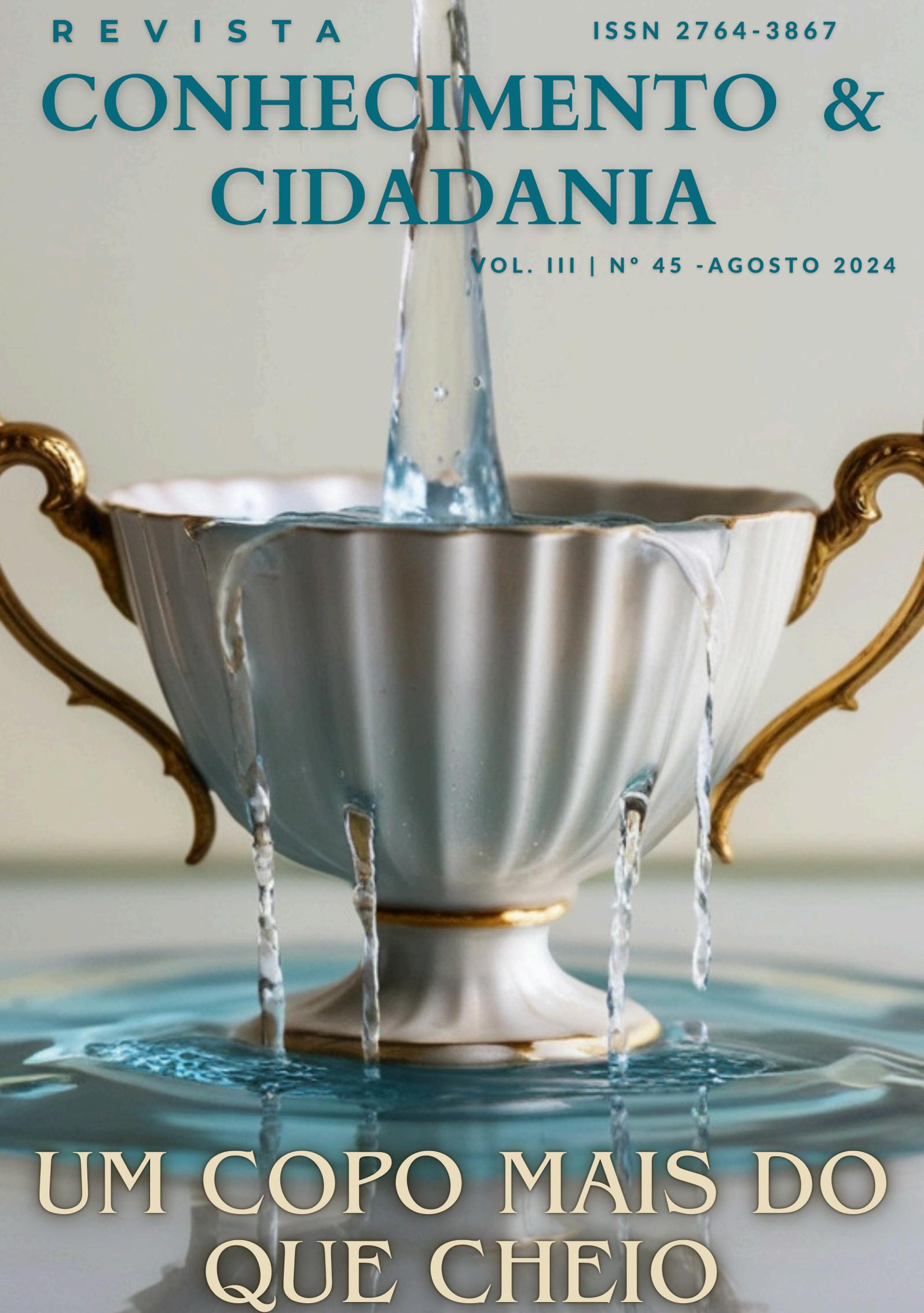


REVISTA

ISSN 2764-3867

CONHECIMENTO & CIDADANIA

VOL. III | N° 45 - AGOSTO 2024



UM COPO MAIS DO
QUE CHEIO

EDITORIAL

A Revista Conhecimento & Cidadania foi criada por uma família e amigos com o propósito de levar compreensão dos acontecimentos atuais e históricos ao maior número de pessoas possíveis. E exatamente por isso ela é totalmente gratuita e digital.

Leandro Costa - Editor-Chefe
Munique Costa - Editora Adjunta
Pedro Costa - Editor Auxiliar

Produção e Designer

Leandro Costa
Munique Costa

Redação

Leandro Costa
Munique Costa
Pedro Costa

Colunistas

Edson Araujo
Danielle Jesus
Juliette Oliveira
Leandro Costa
Mauricio Motta
Neto Curvina

O conteúdo desta edição foi produzido por voluntários que autorizaram a publicação de seus trabalhos, não sendo remunerados, sendo-lhes garantida a menção de autoria.

 [Vaquinha online](#)

 Canal whatsapp Revista Conhecimento & Cidadania

 revistaconhecimentocidadania@gmail.com

 @revistaconhecimentocidadania

 @revistaconhecimentocidadania

 @RevConhecimento

 @conhecimentocidadania



Leandro Costa

EDITOR-CHEFE

Servidor público,
professor de Direito,
idealizador do projeto
Direito nas Escolas, autor
do livro: Direito nas
Escolas e Diretor na
Associação Brasileira de
Juristas Conservadores.

Revista Conhecimento &
Cidadania
Vol. III – Nº 45
Agosto de 2024
Rio de Janeiro – RJ
Menezes Costa
CNPJ 28.814.886/0001-26
ISSN 2764-3867

COLUNISTAS

LEANDRO COSTA

Servidor público, advogado impedido, professor de Direito, Diretor Acadêmico do projeto Direito nas Escolas e editor-chefe da Revista Conhecimento & Cidadania..

DANIELLY JESUS

Jornalista (DRT), YouTuber, podcaster (Cafe com Dani no Spotfy), escrevo para os sites Mundo Conservador e PHVox, sou radialista na web rádio Atroz FM.

MAURICIO MOTTA

Professor licenciado em História Pós-graduado em História do Brasil.

JULIETTE OLIVEIRA

Teóloga, filósofa e engenheira

NETO CURVINA

Ministro do Evangelho, teólogo, escritor e educador, Autor do livro: “A Velha Desordem Mundial: a teologia do caos”.

EDSON ARAUJO

Palestrante, estudante de filosofia e teologia.

Vaquinha Solidária

Precisamos de você, leitor

A realidade é única e não tem como ser alterada pela vontade de alguém. Somente sendo livre para não acreditar em narrativas que escondem a verdade.

Um mundo melhor é o que queremos, mas para que isso aconteça precisamos despertar, fazer a nossa parte, assim buscamos resgatar a cidadania através de conteúdo.

Participe da nossa vaquinha



Em um momento turbulento, surge a Revista Conhecimento & Cidadania.

Nossos colonistas são todos voluntários, bem como todos que trabalham para a publicação da revista digital. E não estamos em busca de rentabilidade para este incrível projeto, porém devido ao cenário atual estamos com dificuldade em aumentar nosso alcance.

Por isso decidimos realizar essa vaquinha online.

Com o valor arrecadado será possível melhorar a visibilidade em nossas redes sociais, ter uma edição de vídeo mais profissional para o canal no

Youtube e quem sabe conseguirmos fazer edições impressas para distribuição gratuita, assim como já acontece com a digital.

Nosso esforço central é despertar as pessoas, com textos que estimulam a reflexão, aguçam a vontade de adquirir mais conhecimento e naturalmente enxergar a verdade.

<https://www.vakinha.com.br/4961006>



Clique aqui e faça sua doação e também ajude compartilhando o link: <https://www.vakinha.com.br/4961006>.

Caso não queira se cadastrar na plataforma da Vakinha online, doe qualquer valor para a Chave PIX: **28.814.886/0001-26**.

Um copo mais do que cheio

A parábola do anfíbio na panela nos conta que o animal se encontrava em uma água de temperatura agradável, sentindo-se confortável permanecendo aproveitando a situação, todavia, a panela em que estava sobre o fogo e a água, lentamente, era aquecida. A pobre criatura permanecia em sua posição sem perceber que a temperatura se elevava, seu trágico destino era traçado sem que pudesse notar o perigo.

Quando finalmente percebeu que a água estava a lhe cozinhar, o anfíbio não tinha mais meios de escapar, o processo de cozimento avançará sem ser percebido e o animal fora pego de forma gradual, porém, muito mais eficaz.

Ao menos, a criatura pode ser considerada como uma vítima de sua ignorância, incapaz de observar o cenário ao seu redor, foi destruída sem, de fato, compreender a complexidade da armadilha na qual cairá. Como qualquer vítima de um esquema elaborado, o animal perecerá por não ter vislumbrado a intenção daquele que criou a armadilha.

Tal parábola só pode ser invocada para explicar o que acontece com aqueles que ignoram a natureza maligna dos revolucionários, os camponeses ou operários que outrora acreditaram nas mentiras de líderes nefastos que prometiam ser a revolução o meio para transformar o mundo em um paraíso imaginado, ou melhor, apresentado tão somente para seduzi-los. Por outro lado, aqueles que se curvam

Leandro Costa

aos ideais totalitários nos dias atuais, em que a informação descentralizada permite avaliar diversas versões acerca de determinado tema, tornam-se reféns conscientes de suas escolhas, salvo pelos que são, literalmente, desprovidos de acesso à informação. Necessário, portanto, separar os que, como o anfíbio, são consumidos por não saber o que de fato acontece ao seu redor, daqueles que assumem uma postura de subserviência por conta de sua causa, ainda que seja uma subdivisão da causa central que é a revolução.

Ao que não consegue enxergar o mal na revolução, ignorando os sinais das ações de mestres e asseclas, por mais que um dito grupo minoritário defenda posições que nitidamente se opõem, tão somente para arregimentar tropas em favor dos interesses de seus senhores, os menos atentos ignoram que a vassalagem aos líderes revolucionários asfixia até mesmo as pautas mais caras aos interesses da alegada minoria. Citar exemplos como os das feministas que não se opõem, por vezes até apoiam, o avanço do ativismo LGBT sobre os esportes feminino, os quando a liderança do movimento LGBT se coloca favorável ao Hamas, o Irã, a Rússia e a China, mesmo sabendo o tratamento dispensado aos que “pertenceriam” a tal grupo minoritário, servem para apresentar a dissonância cognitiva explícita dos revolucionários.

Evidente que a mentalidade revolucionária, sendo relativista, necessariamente negará a realidade, sendo, portanto, incoerência em essência, chocando-se diante da flagrante incompatibilidade entre suas pautas que buscam apenas cativar os incautos e os gananciosos, razão pela qual, não há como evitar a autodestruição dos revolucionários.

O maior flagelo daqueles que se opõem a realidade é ter que enfrentar o mundo e o mal que ajudaram a tirania a construir.

Ignorando a realidade, os incautos acabam se tornando presas fáceis para os agentes da revolução, como o anfíbio que não percebe o aumento gradual da temperatura da água, entretanto, os que ecoam as vozes dos líderes revolucionários são os verdadeiros prisioneiros do mal que alimentam. Um indivíduo que abraça as pautas revolucionárias, em razão do relativismo, justamente por encontrar conforto na mentira agradável que lhe cativou, tornar-se-á escravo de sua própria trilha, buscando o falso paraíso prometido, que diz retorcer a realidade para adaptá-la aos anseios humanos, acabando sua trajetória em um inferno cruel no qual a verdade o cobrará por ter edificado sobre mentiras.

Ao defender o indefensável, os arautos da revolução precisam negar os fatos ainda que lhes sejam esfregados nas fuças. O totalitarismo avançar simulando legitimidade, aquecendo a água lentamente, contudo, há aqueles que laboram de forma consciente para a instauração de um regime autoritário, na maioria das vezes, acreditando que tomaram parte na mesa do banquete revolucionário, todavia, a maior parte dos servos conscientes da tirania, que delegam cada vez mais poderes aos déspotas, tendem a fazê-lo pela ganância, buscando a recompensa imediata, uma vez que, não são tão alheios à realidade ao ponto

Leandro Costa

de acreditar nas fábulas ora invocadas pelos tiranos, tais como o comunismo, logo, pretendem aproveitarem-se do poder de ser o “amigo do rei”, sufocando seus desafetos e atendendo seus anseios por mais transloucados que sejam.

Podemos observar, por exemplo, um canal de mídia que, vendo sua audiência se esvaziar em busca de outros interesses ou fontes de informações, busca, com a ajuda da tirania, esmagar outros canais de comunicação ou entretenimento. Igualmente, um grupo autointitulado minoritário, confere poderes aos déspotas, assim, uma vez atendida a sua intenta por meios coercitivos, podem apresentar “resultado” a seus seguidores, imaginemos o quão grato é alguém que acredita ter conquistado algo em razão de uma intervenção de seus líderes junto ao poder, ou mesmo, quem acredita ser algo que não é, poder compelir toda a sociedade a curvar-se diante de sua vontade irreal através da força, criminalizando qualquer um que ouse lhe dizer uma verdade desagradável.

O que não é perceptível, em um primeiro momento, é que o aquecimento da água, fator de aumenta a sensação de conforto, será a ruína daquele que nela se banha, ou seja, a tirania atende os anseios da turba como forma de corromper seus integrantes, mas tão logo receba poder demais, aquecerá até cozinhar todos aqueles ao seu alcance.

Assim, a ditadura, também chamada de regime desagradável e autoritário, tentou se disfarçar de uma democracia, acusando todos que apontavam seus arroubos autoritários de agentes a serviço dos Estados Unidos da América ou conspiradores, “fascistas”, termo ressignificado para denegrir opositores, e antidemocráticos, ao passo que aumentava a temperatura e começa a cozinhar os desavisados.

Fora das garras do regime chavista é possível acusar, com razão, o Governo Maduro de totalitário, entretanto, uma vez dentro das fronteiras da Venezuela, apontar os fatos pode render uma reação contundente da ditadura socialista.

Após o episódio, que a ditadura venezuelana tentou tratar como um pleito no qual o povo teria legitimado o Governo Maduro, restou cristalino que o regime chavista não conserva quaisquer relações com uma democracia. A incapacidade do regime ditatorial em convencer o próprio povo e o restante do mundo de que as eleições foram limpas, de maneira que Maduro seria o governante legítimo, somada a repressão aos que questionaram a resultado, deixou evidente que tudo que se viu foi uma simulação fracassada na qual a ditadura não conseguiu esconder sua verdadeira natureza.

Como se os podres do regime chavista estivessem despercebidos, no momento atual, muitos que antes fingiam cegueira, agora acusam Maduro de ter se tornado um ditador cruel, entretanto, parte prefere, de forma indecente, transferir o tirano para outro espectro político, como outrora fizeram com o nazismo. Alegando que o regime venezuelano se parece mais com os opositores ao socialismo, em verdade, acusam qualquer um que se insurge contra o socialismo latino-americano de antidemocrático e autoritário,

Leandro Costa

rotulando falsamente seu opositores daquilo que são. Basta observar como Maduro e Ortega, ditador da Nicarágua, se comportam e restará evidente que o grupo ligado a ambos comunga de seus ideais, apenas, não estão nas mesmas condições de tirarem o véu.

Tentar ignorar os arroubos totalitários, ainda que aplicando uma ótica relativista, deixando de enfrentar a realidade para ressignificar tudo em nome do interesse próprio é como não perceber que um copo mais do que cheio transbordará o líquido mesmo que se tente conter o derramamento pela força de uma lei, decisão ou mera vontade da autoridade. É impossível conter a força da realidade por mais que seja de interesse de um grupo, logo, chamar violações de ações aceitáveis em defesa daquilo que é naturalmente ilegítimo, como uma ditadura que insiste em se autodeterminar como democracia e avança quando sua real natureza é exposta. Evidentemente, tratamos de nossa vizinha Venezuela, país em que questionar aquilo que se chamou de eleição ou mesmo a ditadura em si, pode resultar em prisões, de maneira que, os cidadãos daquele país vivem sob a ameaça de prisão política com penas que podem ultrapassar uma década de encarceramento

O copo, mais do que cheio, continua transbordando e há quem, mesmo vendo as violações escancaradas, continue tentando ver que o “regime desagradável” ainda pode ser considerado dentro dos limites.

Parece ridículo que ainda existam figuras capazes de tentar justificar um estado de coisas em que pessoas sejam perseguidas por opiniões, que o tirano no poder possa, rasgando a lei e todas as garantias processuais, perseguir desafetos ou mesmo considerar que seus opositores praticam crimes dotados de tamanha abstração que podem ser atribuídos a qualquer um, pois dependem do querer daquele que pode decidir.

Alguns transloucados assumem que há excesso por parte da ditadura, mas tentam barganhar, apenas com sua própria lucidez, se é que lhes resta alguma, que medidas autoritária servem para preservar a alegada democracia, sugerindo que a liberdade de expressão serve ao imperialismo de grandes potências, o que na verdade, se resume a manter as pessoas sujeitas à ditadura em uma espécie de cercado, privados de informações livres da influência do governo enquanto a mídia associada à tirania faz uma clara propaganda do regime. Desenhos em que Maduro é uma espécie de super-herói são métodos de propaganda totalitária que tentam reforçar o culto a personalidade do ditador como é feito nos países totalitários em regra, vide os exemplos da União Soviética, Alemanha Nazista, Coreia do Norte, Cuba e China, em que os líderes alegavam ser defensores da ideia ingerência externa.

De fato, na Venezuela, assim como nas demais ditaduras, o copo está mais do que cheio, o rei está nu e não há como cobri-lo, nos resta, todavia, olhar como está o nosso copo e ver em que nível estamos.

Bem-vindo a 2030: o início do inferno na terra



Quem se debruça em estudar os planos globalistas já observou que, paulatinamente, as metas traçadas estão sendo cumpridas. Uma das razões é a imensa lavagem cerebral feita em escala mundial através da mídia e do entretenimento. Com uma população inerte, que não questiona determinadas práticas, os “senhores do mundo” têm maior liberdade para agir.

E como fazer para que uma população se torne inerte e “obedeça” sem questionar? Simples: pratique terrorismo psicológico! Diga que a terra está super povoada, que a água está contaminada, que não haverá comida para todos. E utilize isso em filmes, séries, documentários sensacionalistas para que isso paire no imaginário de todos e a própria população “peça” uma solução.

Quem explica este fenômeno é o escritor *David Icke* com a “*regra de três*” (problema - reação - solução). Esta técnica de manipulação mental evita não só a exposição à meta dos manipuladores, mas também manipula as pessoas a exigirem dos manipuladores que façam o que eles planejavam fazer de qualquer jeito.

Um deles é o chamado *efeito estufa*. Embora seja um fenômeno natural, foi transformado em “*problema*” quando foi citado em relatórios e conferências a partir dos anos 70 como sendo um “*obstáculo para a vida na Terra*”, e que para resolvê-lo, seria necessário diminuir a população do planeta, para que menos quantidade de gases fosse emitida. Outra “*solução*” é frear a pecuária: alguns

Danielly Jesus

ditos ambientalistas têm insistido na ideia de que o CO2 emitido pelo gado é prejudicial ao planeta, sugerindo assim que insetos sejam utilizados como alimento no lugar de carne bovina.

No último dia 18, o Fórum Econômico Mundial publicou em seu site um documento intitulado “**3 abordagens de economia circular para reduzir a demanda por metais críticos**”. Uma das “**soluções**” propostas é: pessoas comuns não devem ter seu próprio veículo. De acordo com o Fórum, as pessoas devem vender seu carro e andar ou compartilhar porque “**plataformas de compartilhamento de carros como Getaround e BlueSG já aproveitaram essa oportunidade para oferecer veículos onde você paga por hora usada**”.

Notem bem: o “**problema**” é criar alternativas para metais críticos (cobalto, lítio, níquel, entre outros), e a “**solução**” para este e outros é retirar a propriedade privada da população. Isso fica evidente no início do documento:

“Um processo de design que se concentre em atender a necessidade subjacente em vez de projetar para a compra de produtos é fundamental para essa transição. Essa é a mentalidade necessária para redesenhar as cidades para reduzir os veículos particulares e outros usos.”

Mas quem pensa que estas “soluções” são novas está enganado, infelizmente. Em 2016, Ida Auken, parlamentar do partido socialista da Dinamarca, escreveu um artigo para o Fórum Econômico Mundial que, para os que estão atentos aos acontecimentos, parece ter saído da cabeça de Maldonado (personagem da obra “*Cartas de um diabo a seu aprendiz*”, de C.S. Lewis). O documento, intitulado “**Bem-vindo a 2030. Não possuo nada, não tenho privacidade e a vida nunca foi melhor**”, é um relato fictício (*peró no mucho*) de quem já está em 2030 após a implementação completa da agenda.

Ela inicia dizendo: “***Eu não possuo nada. Eu não possuo um carro. Eu não possuo uma casa. Eu não possuo nenhum eletrodoméstico ou qualquer roupa. Pode parecer estranho para você, mas faz todo o sentido para nós nesta cidade. Tudo o que você considerava um produto, agora se tornou um serviço.***”. Ou seja, não há mais propriedade ou bem para chamar de seu. Aqui o sonho de Marx está realizado. E no assustador mundo de Ida Auken, as pessoas utilizam apenas transporte público ou bicicletas para se locomover: “***Começamos a nos transportar de forma muito mais organizada e coordenada quando o transporte público se tornou mais fácil, rápido e conveniente do que o carro (...) às vezes eu uso minha bicicleta quando vou ver alguns dos meus amigos.***”

O trecho mais assustador é quando ela trata daqueles que estão fora da cidade. Auken explica que o “preço” para manter o transporte e comunicação gratuitos não possuir bens é viver em uma cidade fortificada e completamente vigiada. E quem não aceitar, não poderá conviver em sociedade:

“Minha maior preocupação são todas as pessoas que não moram em nossa cidade. Aqueles que perdemos no caminho. Aqueles que decidiram que se tornou demais, toda essa tecnologia. Aqueles que

Danielly Jesus

se sentiram obsoletos e inúteis quando robôs e IA assumiram grande parte de nossos trabalhos. Aqueles que ficaram chateados com o sistema político e se voltaram contra ele. Eles vivem diferentes tipos de vida fora da cidade. Alguns formaram pequenas comunidades auto-abastecidas. Outros apenas ficaram nas casas vazias e abandonadas das pequenas aldeias do século XIX.”

O artigo mostra, de forma escancarada, os objetivos da elite globalista para o mundo: todos devem socializar seus bens, exceto eles; todos devem socializar suas casas, exceto eles; todos devem parar de comer carne, exceto eles; todos devem ser rigorosamente vigiados, exceto eles. E graças à lavagem cerebral feita pela mídia, os moradores ainda irão agradecer por todo o controle exercido sobre suas vidas.

[Colabore com a nossa vaquinha](#)

Participe da nossa vaquinha



Em um momento turbulento, surge a Revista Conhecimento & Cidadania.

Nossos colunistas são todos voluntários, bem como todos que trabalham para a publicação da revista digital. E não estamos em busca de rentabilidade para este incrível projeto, porém devido ao cenário atual estamos com dificuldade em aumentar nosso alcance.

Por isso decidimos realizar essa vaquinha online.

Com o valor arrecadado será possível melhorar a visibilidade em nossas redes sociais, ter uma edição de vídeo mais profissional para o canal no

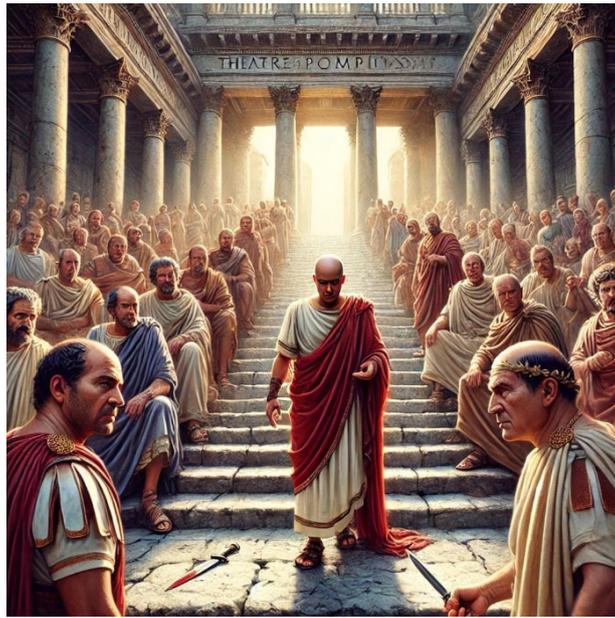
Youtube e quem sabe conseguirmos fazer edições impressas para distribuição gratuita, assim como já acontece com a digital.

Nosso esforço central é despertar as pessoas, com textos que estimulam a reflexão, aguçam a vontade de adquirir mais conhecimento e naturalmente enxergar a verdade.

<https://www.vakinha.com.br/4961006>



Quando os senadores se rebelam...



O assassinato de Júlio César, uma das figuras mais proeminentes da Roma Antiga, ocorreu em 15 de março de 44 a.C., nos famosos “Idos de Março”. Esse evento não apenas marcou o fim de um dos mais poderosos líderes da história, mas também desencadeou uma série de acontecimentos que levariam à queda da República Romana e ao surgimento do Império Romano. Após conquistar grande prestígio militar e popularidade, Júlio César assumiu o controle quase total de Roma, primeiro como ditador temporário e depois como ditador vitalício. Sua ascensão ao poder ocorreu em meio a intensas lutas políticas, durante um período em que a República Romana estava mergulhada em crises internas. César era visto por muitos como um salvador, mas para a elite senatorial, ele representava uma ameaça ao sistema republicano.

O Senado Romano, na época de Júlio César, era composto por cerca de 900 membros, um número que ele mesmo havia aumentado após suas reformas. Esse aumento visava ampliar sua base de apoio, trazendo novos membros leais a ele, mas também diluindo o poder da velha aristocracia senatorial.

Os senadores temiam que César estivesse se tornando um monarca de fato, o que era intolerável para aqueles que valorizavam a tradição estabelecida em Roma. A conspiração foi arquitetada por cerca de 60 senadores romanos que temiam a crescente concentração de poder em suas mãos e o que isso representava para a sobrevivência da República Romana. Os conspiradores eram conhecidos coletivamente como "*Liberatores*" e eram uma minoria dentro do Senado, mas incluíam alguns dos mais influentes e respeitados membros da classe senatorial. Eles se viam como defensores das tradições republicanas e acreditavam que o assassinato de César era necessário para preservar a República e evitar a tirania. A maioria dos senadores não estava envolvida na conspiração e muitos provavelmente apoiavam César, seja por convicção, interesse pessoal, ou simplesmente por medo de suas represálias.

Maurício Motta

Entre os conspiradores, destacavam-se nomes como Lúcio Tílio Cimbro, Públio Servílio Casca Longo, Décimo Júnio Bruto Albino, Caio Cássio Longino e Marco Júnio Bruto, este último, ironicamente, considerado por muitos como um filho adotivo de César. Bruto era visto como um símbolo da virtude republicana, e sua participação na conspiração deu ao plano uma legitimidade que Cássio sozinho não poderia alcançar.

As motivações para o assassinato variavam entre os conspiradores. Para Cássio, era uma questão de vingança pessoal e ambição política. Ele havia se ressentido de César por anos, acreditando que o ditador estava usurpando os poderes que deveriam pertencer ao Senado. Já Bruto, apesar de seus laços com César, foi motivado por um senso de dever cívico, acreditando que o assassinato era necessário para salvar a República e restaurar a liberdade romana. Os conspiradores sabiam que eliminar César não seria tarefa fácil. Ele era cercado por guardas e apoiadores leais, e suas aparições públicas eram cuidadosamente controladas. Assim, eles escolheram os Idos de Março, um dia em que César estaria presente em uma sessão do Senado no Teatro de Pompeu, onde eles poderiam se reunir sem levantar suspeitas.

No dia fatídico, César foi avisado por vários sinais de que sua vida estava em perigo. Um vidente conhecido como Spurinna havia advertido a Júlio César que ele deveria estar atento aos Idos de Março pois correria perigo naquele dia específico. Calpúrnia, esposa de Júlio César, teve um sonho perturbador na noite anterior ao assassinato. Ela sonhou que César estava sendo esfaqueado e que sua própria imagem estava sangrando. Ela tentou alertar César sobre o sonho e pediu-lhe para não ir ao Senado naquele dia. Artemidoro, um professor de retórica, preparou uma carta alertando César sobre a conspiração, detalhando o perigo que ele corria. Ele tentou entregar a carta a César, mas o imperador não a leu imediatamente, e acabou sendo assassinado antes que pudesse vê-la.

Algumas fontes antigas como as encontradas em Suetônio e Plutarco, relatam que César teve um comportamento incomum e pareceu preocupado antes do assassinato. Ele teria tido uma sensação de inquietação e desconforto, e, mesmo assim, decidiu comparecer ao Senado, e lá chegando já encontrou os conspiradores prontos para o que ocorreria. Ele foi recebido por Lúcio Tílio Cimbro, que se aproximou para fazer um pedido em nome de seu irmão exilado. Este gesto era o sinal para o ataque. Assim que Cimbro agarrou a toga de César, Públio Servílio Casca Longo desferiu o primeiro golpe, atingindo-o no ombro. A partir desse momento, os demais conspiradores, incluindo Cássio e Bruto, atacaram César com facas. O relato do crime varia em detalhes, mas é amplamente aceito que César foi apunhalado 23 vezes. Segundo a tradição, suas últimas palavras foram dirigidas a Bruto: "Et tu, Brute?" (Até tu, Bruto?), expressando sua surpresa e dor ao ver seu protegido entre os assassinos. Outros relatos sugerem que César não disse nada, sucumbindo em silêncio ao perceber a magnitude da traição.

Maurício Motta

Após o assassinato, a falta de um apoio mais amplo dentro do Senado e entre o povo foi uma das razões pelas quais os conspiradores não conseguiram restaurar a República como planejado. Os conspiradores não esperavam que o crime permanecesse sem solução, na verdade, muitos deles estavam preparados para serem identificados como os assassinos e, desde que alcançassem o que acreditavam ser um objetivo nobre, não se importavam em serem descobertos.

Os líderes da conspiração, como Bruto e Cássio, estavam cientes de que o assassinato não seria visto apenas como um crime, mas como um ato político destinado a restaurar a liberdade e os valores republicanos de Roma. Eles esperavam que, uma vez que César fosse eliminado, o Senado e o povo romano os considerariam heróis que haviam salvado a República da tirania.

Essa visão foi reforçada pelo fato de que eles realizaram o assassinato em plena luz do dia, no Senado, um lugar público e simbólico, e na presença de outras figuras políticas proeminentes. Isso sugere que os conspiradores estavam dispostos a assumir a responsabilidade por suas ações, acreditando que, ao demonstrar coragem e determinação, eles inspirariam outros a apoiar sua causa.

O assassinato de Júlio César foi inicialmente comemorado pelos senadores que acreditavam ter salvado a República. No entanto, o ato teve consequências opostas às esperadas. Em vez de restaurar o poder do Senado, o assassinato mergulhou Roma em uma nova onda de caos e guerra civil. O povo romano, que via em César um herói, ficou indignado com seu assassinato e clamou por vingança. Marco Antônio, aliado de César e segundo em comando, inicialmente fingiu aceitar o golpe para ganhar tempo. No entanto, durante o funeral, ele inflamou a população contra os conspiradores ao ler o testamento de César, que deixou legados monetários a muitos de seus aliados e soldados. Ele designou uma grande quantia de dinheiro para ser distribuída entre os cidadãos romanos, em particular, para aqueles que eram mais pobres e para os veteranos de suas campanhas militares. Além dos legados monetários, também deixou disposições para a construção de projetos públicos e para a melhoria das condições urbanas em Roma. Essa manobra de Marco Antônio consolidou sua posição e iniciou a perseguição aos assassinos.

A morte de Júlio César precipitou a formação do Segundo Triunvirato, composto por Marco Antônio, Otaviano (futuro Augusto, sobrinho-neto e herdeiro adotivo de César) e Lépido. Juntos, eles enfrentaram os assassinos na Batalha de Filipos em 42 a.C., onde Cássio e Bruto cometeram suicídio após serem derrotados. Otaviano eventualmente consolidou o poder em suas mãos, derrotando Marco Antônio e a rainha egípcia Cleópatra VII na Batalha de Ácio em 31 a.C. Em 27 a.C., Otaviano foi nomeado Augusto, o primeiro imperador de Roma, marcando o fim da República e o início do Império Romano.

O assassinato de Júlio César é um dos eventos mais dramáticos da história romana, sendo um divisor de águas entre a República e o Império. A conspiração, motivada pelo desejo de proteger a República, ironicamente acelerou sua queda. Júlio César tornou-se um mártir e símbolo do poder

Maurício Motta

absoluto, e seu legado continuou a moldar a história de Roma por séculos. O evento inspirou inúmeras obras literárias, sendo imortalizado por William Shakespeare na peça "Júlio César", onde o drama e a traição são explorados de maneira vívida, perpetuando a memória desse acontecimento tão importante na formação do imaginário político.

Uma medida extrema como aquela tomada pelos senadores romanos nos Idos de Março, quase invariavelmente resulta em dramas ainda mais complexos que aqueles que se buscava evitar. Analisar aqueles eventos sob a ótica maniqueísta de uma luta do bem contra o mal, ou mesmo sob um ponto de vista do alcance de um bem maior, como aqueles que defendem a ideia de que os fins justificam os meios, reduz à aceitação do caos como meio de se alcançar a ordem. Regimes ditatoriais não são benéficos às sociedades, por outro lado, a manutenção de elites políticas que defendem a priori o “*status quo*” também não agrega valor àquilo que mais importa: o cidadão.

Quando refletimos nas ações de um Senado legalmente constituído, representado por seus senadores, imbuídos de um senso de responsabilidade política, civil e social, esperamos que para além de cumprir seus deveres legais, tenham como atributos no cumprimento de seus deveres: a coragem, o senso de autossacrifício, a integridade, a competência, a empatia, a habilidade de comunicação, a responsabilidade, a visão estratégica, a resiliência, os sentidos de equidade, de justiça, de ética e de moralidade. Tais atributos não parecem ter sido demonstrados nos Idos de Março pelos senadores romanos. Comparativamente, resta perguntar a nós mesmos se os senadores da República Federativa do Brasil demonstram ao menos alguns daqueles atributos.

O Senado é parte de um dos três poderes da República e um dos elementos fundamentais na defesa da Democracia, da Liberdade, da Nacionalidade e do povo a quem representa. O que cada cidadão consciente deveria desejar de seus representantes é que sua coragem jamais fosse ofuscada pelo medo da mudança, que os interesses nacionais estivessem sempre à frente como estandarte de coesão e não os seus interesses pessoais. Que as tiranias fossem combatidas com as armas da legalidade, mesmo às custas de seus próprios mandatos.

Pareceu muito sonhador este final? Muito utópico? Pareceu que estamos no mundo de Pollyanna? Pois é exatamente o que esperam que pensemos!

“De tanto ver triunfar as nulidades, de tanto ver prosperar a desonra, de tanto ver crescer a injustiça, de tanto ver agigantarem-se os poderes nas mãos dos maus, o homem chega a desanimar da virtude, a rir-se da honra, a ter vergonha de ser honesto” (Rui Barbosa, senador)

Feminismo e contradições
Mulheres Bíblicas: PARTE V
Maria, mãe de Jesus



De todas as figuras femininas bíblicas, Maria, sem dúvida alguma é a mais intrigante. Maria era uma menina simples quando recebeu um chamado: “conceber o filho de Deus”.

Maria de Nazaré, também conhecida como a mãe de Jesus, é frequentemente retratada de maneira tradicional e submissa. No entanto, será que ela realmente foi essa figura?

Independente das suas crenças e convicções em relação a isso, uma coisa é inegável. Jesus não é invenção de mentes criativas e Maria não é diferente. Maria foi uma mulher real, judia e descendente de Davi.

Numa leitura fria do perfil de Maria, diria que Maria foi o que toda feminista gostaria de ser. Numa sociedade patriarcal, Maria foi pela contramão, antes mesmo de se unir a José apareceu grávida. Maria aceitou a missão de ser a mãe de Jesus, mesmo sabendo dos riscos sociais e pessoais envolvidos. Lembrando que tal acontecimento para aquela época era um verdadeiro escândalo, ainda poderia resultar em ostracismo ou até mesmo em apedrejamento.

Vamos avançar um pouco mais na história. Maria recita o Magnificat (Lucas 1, 46-55), durante sua visita a Isabel, sua prima, que também está grávida (de João Batista). Inspirada pelo Espírito Santo, Maria expressa sua alegria e gratidão a Deus.

Juliette Oliveira

Contudo, neste cântico Maria fala sobre a derrubada dos poderosos e a exaltação dos humildes. Isso pode ser visto como uma crítica às injustiças sociais e uma esperança de transformação. Este cântico é visto por alguns teólogos como uma declaração de justiça social e igualdade.

Maria começa exaltando a Deus por olhar para a humildade de sua serva. Ela reconhece que, apesar de sua posição social baixa, Deus a escolheu para uma missão grandiosa, mostrando que Deus se importa com os humildes e desprivilegiados.

Aborda também sobre Deus enchendo de bens os famintos e despedindo os ricos de mãos vazias. Este é um forte apelo à justiça social, onde os necessitados são atendidos e os excessos dos ricos são questionados. Isso a posiciona como uma figura de resistência e esperança para as mulheres e outros grupos marginalizados.

Agora vamos dar um salto nessa história. É dia de festa e estamos em Canaã da Galileia. Durante um casamento, o vinho acabou, o que poderia ser um grande constrangimento para os anfitriões. Maria, percebendo a situação, tomou a iniciativa de falar com Jesus sobre o problema.

O episódio das Bodas de Canaã, narrado no Evangelho de João (João 2, 1-11), é um dos momentos mais significativos que destaca como Maria desempenha um papel ativo ao pedir a Jesus que realize seu primeiro milagre, transformando água em vinho. Isso mostra sua capacidade de influenciar e tomar iniciativa.

Maria foi a primeira a notar a falta de vinho e a levar a questão a Jesus. Sua ação mostra sua capacidade de observação e preocupação com os outros. Ao dizer a Jesus: “Eles não têm mais vinho” (João 2, 3), ela demonstra sua confiança na capacidade Dele de resolver a situação.

Apesar da resposta inicial de Jesus, que poderia ser interpretada como uma recusa:

“Mulher, que temos nós em comum? A minha hora ainda não chegou” – João 2,4

Maria instrui os serventes:

“Façam tudo o que ele lhes disser” (João 2, 5).

Isso mostra sua autoridade e fé inabalável em Jesus.

A intervenção de Maria pode ser vista como um exemplo de empoderamento feminino. Ela não apenas reconhece um problema, mas também toma medidas para resolvê-lo, influenciando diretamente o curso dos eventos. Sua ação resulta no primeiro milagre público de Jesus.

O papel de Maria nas Bodas de Canaã vai além de uma simples intervenção prática. Ela atua como mediadora e intercessora, mostrando que sua influência e importância não se limitam ao âmbito doméstico, mas se estendem ao plano espiritual e comunitário.

Vamos avançar ainda mais nessa história. Em Atos 2, 1-4, a passagem começa com os discípulos reunidos em um só lugar. De repente, um som como de um vento impetuoso enche a casa, e línguas de

Juliette Oliveira

fogo aparecem e pousam sobre cada um deles. Todos ficam cheios do Espírito Santo e começam a falar em outras línguas, conforme o Espírito os capacitava.

Pentecostes é uma festa judaica que ocorre 50 dias após a Páscoa. No Novo Testamento, é o dia em que o Espírito Santo desceu sobre os apóstolos e outros seguidores de Jesus, incluindo Maria, enquanto estavam reunidos em Jerusalém. Este evento é considerado o nascimento da Igreja Cristã.

Maria estava presente com os apóstolos e outros discípulos, unidos em oração e expectativa pela promessa de Jesus sobre a vinda do Espírito Santo (Atos 1, 14). Sua presença é significativa, pois ela é a única mulher mencionada nominalmente entre os presentes.

A presença de Maria no Cenáculo demonstra sua perseverança na fé e sua liderança espiritual. Ela, que já havia experimentado a ação do Espírito Santo na Anunciação, agora se une aos apóstolos em oração, aguardando uma nova manifestação do Espírito Santo. Assim, que o Espírito Santo desceu sobre todos os presentes, incluindo Maria, capacitando-os a falar em outras línguas e a proclamar as maravilhas de Deus.

Além de sua maternidade divina, ela também é uma figura de liderança espiritual, pois sua participação é ativa na comunidade cristã nascente. Sua presença em Pentecostes reflete sua coragem e fé inabalável, servindo de exemplo para todos os cristãos.

Nos dias de hoje, Maria continua a desempenhar um papel de intercessora, unindo-se em oração com os apóstolos e preparando-se para a missão da Igreja.

Entretanto, porque a necessidade de apresentar Maria e outras mulheres bíblicas como mulheres empoderadas? A resposta é muito simples, diferente do que alguns grupos gostam de pregar as mulheres cristãs não são “moscas mortas” e são grandes símbolos.

Ser cristã é fazer a diferença no mundo. Ter fé no mundo atual e não ter vergonha disso é um grande desafio. E ser mulher está longe de ser algo discreto e imperceptível.

E mais, muitos “perfis” hoje exaltados por feministas como algo positivo surgiu na verdade entre mulheres de fé, judias. Eis a grande contradição. Mas como dizia um antigo comunicador da televisão brasileira, “nada se cria, tudo se cópia”.

E você cara leitora, vai continuar acreditando nas mentiras feministas ou virá se unir ao nosso legado? Quer fazer a diferença? Quer que seus filhos conheçam o verdadeiro lado dessa história. Então, nos apoie nessa luta.

Complexidade da vida



Nos dias atuais, é muito comum falar de um modo geral sobre o meio ambiente; infelizmente este tema tão importante e fundamental para o ser humano está recheado de interesses outros, que não o ideal, que é tornar nossa presença no planeta mais harmoniosa e contributiva com a natureza.

Hoje, qualificar a relação com a fauna, flora, água, minerais e até mesmo entre nós, deve se dar, não porque teremos ou não algum capital, mas porque temos que cumprir com nossa parte nessa grande engrenagem. Quando se propõe um simples exercício de plantarmos uma semente, cuidar de uma planta ou de uma árvore, não se passa pela nossa cabeça que seria tão impactante o fato de dar ainda que um pouco de atenção a um outro ser que se considerava apenas um enfeite posto para decorar o ambiente; quando fui pai pela primeira vez, meu pai me disse: “Agora você tem uma vida para cuidar”, mas neste exercício eu pude perceber que eu sempre tive vidas a cuidar...

Quando levei a sério o ensinamento de meu pai, o levei a ponto de me dedicar com muita intensidade, organizando meu tempo, mudando prioridades, reforçando meu psicológico, percebendo sensações e emoções que ainda não havia experimentado; agora com essa nova visão da vida, e esta permeia todo o mundo minha dedicação a esta relação não pode ser menor ou menos intensa que antes, pensando nisso entre outras coisas, descobri o quanto uma atenção voluntária pode mudar completamente toda a minha percepção da vida; que a mesma vida que se manifesta em mim, também manifesta em todos os outros seres.

Edson Araujo

Em resumo, não há como cuidar de mim sem cuidar dos outros e o contrário também é verdadeiro, embora a consciência esteja em estágios diferentes, a vida é a mesma deferindo em quantidade e complexidade e nestes pontos não há como interferir, mas em termos de qualidade eu tenho poder para atuar, e uma vez pondo em prática essa percepção, é inevitável minha responsabilidade em proporcionar a mim e aos outros mais qualidade de vida.

Propondo uma reflexão, como é de costume nos meus textos, de alguma forma enigmática esperamos no fim das nossas jornadas, que à hora marcada alguém nos espere, porém este mistério deve ser reproduzido nas pequenas ações do dia a dia.

Lembremos que nossa existência é marcada pela dualidade, e que não há nada que eu faça a mim, que de alguma forma, em algum tempo e lugar, não alcance a vida de outro ser.

Existe um pensamento atribuído ao imperador Marco Aurélio e posteriormente ao barão de Montesquieu, que expressa o seguinte: " Se não é bom para a colmeia, não é bom para a abelha".

Em outro momento, continuaremos a refletir sobre a vida e sua complexidade a fim de construirmos um conceito adequado para este tema tão distante ainda do pensamento humano.

Que Deus abençoe nossa jornada!!

[Colabore com nossa vaquinha](#)

Participe da nossa vaquinha



Em um momento turbulento, surge a Revista Conhecimento & Cidadania.

Nossos colunistas são todos voluntários, bem como todos que trabalham para a publicação da revista digital. E não estamos em busca de rentabilidade para este incrível projeto, porém devido ao cenário atual estamos com dificuldade em aumentar nosso alcance.

Por isso decidimos realizar essa vaquinha online.

Com o valor arrecadado será possível melhorar a visibilidade em nossas redes sociais, ter uma edição de vídeo mais profissional para o canal no

Youtube e quem sabe conseguirmos fazer edições impressas para distribuição gratuita, assim como já acontece com a digital.

Nosso esforço central é despertar as pessoas, com textos que estimulam a reflexão, aguçam a vontade de adquirir mais conhecimento e naturalmente enxergar a verdade.

<https://www.vakinha.com.br/4961006>



A ciclôtimia do sistema anticristão



O mundo subsiste em ciclos. Basta uma breve observação no macro para percebermos isso. Todas as peças absolutamente encaixadas e interdependentes de um sistema solar criado para que tivéssemos as condições necessárias à vida tal qual a conhecemos. Salomão afirma que *“O que foi, isso é o que há de ser; e o que se fez, isso se tornará a fazer; de modo que nada há de novo debaixo do sol.”* (Eclesiastes 1:9).

Depois da primavera sempre virá o verão, e inverno nunca vem antes do outono, porque assim é. Foi o que Deus determinou quando as águas do dilúvio baixaram: *“Enquanto a terra durar, sementeira e sega, e frio e calor, e verão e inverno, e dia e noite não cessarão.”* (Gênesis 8:22).

O foi criado, literalmente, como uma forma de apoteose desse universo cíclico, perfeitamente ordenado, moldado para que ele, homem, tivesse todas as condições de viver uma vida plena e feliz. É a ordem divina que produz essas condições, e o homem, ao ser criado do pó da terra, nos deixa uma mensagem profunda de inteiração com o elemento de onde foi tirado. Não por acaso o termo “Adão” vem de “Adamah”, que significa “terra”, “barro”, “pó”. Deus poderia ter criado o homem da mesma forma que criou todas as coisas, apenas com a sua palavra, mas preferiu lhe dar um tratamento distinto do restante da criação, e fê-lo pessoalmente.

Poderia ter também ter escolhido qualquer outra matéria-prima para nos criar, mas optou pela menos valiosa e mais comum entre todas: o pó da terra. Ao fazer isso duas mensagens ficam claras. A

Neto Curvina

primeira: não somos tão importantes como imaginamos. E a segunda, fomos tirados de um mundo preordenado criado antes de nós, não para modificar essa ordem, mas para interagir com ela, a partir de determinações claras e expressas do Criador. *“Ao criar o ser humano, o Criador o fez dentro de certas especificidades contextuais perfeitamente interdependentes, cuja ordem lhe garantiria a manutenção do status quo do Éden, ainda que por “Éden” se entenda uma imagem idealizada de um paraíso na terra”* (Neto Curvina. *A Velha Desordem Mundial: A Teologia do Caos*. Autografia. 2024.).

De forma resumida podemos afirmar que a felicidade e a plenitude do homem está diretamente ligada com o modelo de terra original dos primeiros dias.

O sistema sabe disso, e por isso empenha todos os seus esforços para criar todo tipo de desvio que leve o homem a contestar, resistir, combater e rejeitar tudo aquilo que de alguma forma represente essa ordenação, que traga Deus e a fé nele para o centro do debate, que se centralize na tradição judaico-cristã, porque ele – o sistema – sabe que uma sociedade ancorada na Revelação Divina, não é presa fácil para os sistemas de manipulação, exploração e controle que ele implementa, a fim de exercer um controle cada vez maior sobre a humanidade, com o intuito de preparar o mundo para a chegada do *“príncipe que há de vir”* (**Daniel 9:26**).

Então aqui cabe uma análise mais ampla, que evolva os diversos aspectos da natureza e tradição humanas. Se há um conluio de entendimentos entre o que as forças anticristãs querem e o que querem os globalistas e toda a sua vasta gama de faces (comunismo, progressismo, ateísmo, baixo misticismo, etc.), não há prejuízo à lógica afirmar que, no fundo, tudo aquilo que milita contra nossos valores mas caros e ancestrais na verdade é de origem satânica.

O apóstolo Paulo dá o tom ao escrever que a nossa luta não é contra coisas visíveis, mas invisíveis (**Efésios 6:12**). Mas mesmo as coisas invisíveis estão sujeitas às leis do Criador, e não podem agir sozinhas, sem a contrapartida humana, que permite o intercâmbio e a interação de mundos, unidos pelo propósito de desafiar o Deus que gerou a vida e a mantém. Se os agentes das trevas são criaturas espirituais sem tempo de validade, seus instrumentos humanos são temporários, passageiros, por maior que seja sua crueldade e o legado de destruição e terror que deixaram na história, em algum momento ele se vão, e o sistema precisa se reorganizar para então reiniciar sua sanha diabólica de subverter o homem pelo pecado, pela negação de Deus, pela afronta à tradição judaico-cristã. É a ciclotimia do sistema anticristão, autodestrutivo, autofágico, suicida, posto que não tem nada a perder, desde que faça o maior número de vítimas possível.

Uma cena do filme *“Matrix – Reloaded”* (2003) [chama à atenção](#). Nela, o personagem principal Neo tem um encontro com o Arquiteto, que é o responsável pela criação da Matrix, vivido pelo ator Helmut Bakaitis, que diz para o herói que ele não é o primeiro e nem será o último a se insurgir contra o

Neto Curvina

sistema. Obviamente nunca saberemos se o que ele diz ou mesmo as imagens que ele mostra de outros “escolhidos” nas telas em volta da sala são verdades ou não passam de um jogo de desinformação. Mas a ideia de um ciclo de “perde e ganha” atemporal nos parece mais factível do que qualquer outra coisa. Quando Marx, um agente da Matrix, afirma que “A história se repete, a primeira vez como tragédia, e a segunda como farsa” (há quem conteste se a frase foi dita desse jeito), essa ciclotimia do sistema é exposta.

O principal teórico do comunismo, ao mesmo tempo uma farsa e uma tragédia, capturou a narrativa dos tempos e a moldou de forma a lidar com o lado caído do subconsciente da humanidade, talhado para o mal, como bem informam as Escrituras em diversas passagens. Sempre foi assim e sempre será. Daí a necessidade de uma produção cada vez maior de zumbis doutrinados. E aqui mais uma vez a arte dá o tom apocalíptico dos destinos da humanidade. Ou será que ninguém percebeu que todos esses filmes sobre um “apocalipse zumbi” não têm absolutamente nada a ver com zumbis, mas com manipulação mental? Há, pelo menos, três tipos de “zumbis”. O primeiro, fabricado pelas drogas, cada vez mais livres e liberadas. O segundo, fabricado pelas instituições de ensino, os zumbis militantes, caricaturas sociais dotadas de uma imbecilidade imensurável. E o terceiro, os zumbis espirituais. Esses são os agentes do sistema para um futuro agora já não mais tão distante. E, assim como nos filmes, não há nada que possa ser feito – além de uma intervenção divina – para evitar que eles se proliferem, tal qual os agentes Smith, que saíam de todos os cantos para infernizar a vida de Neo e seus aliados fora da Matrix.

Finalmente, podemos constatar o quanto o sistema é doentio, tal qual seu chefe maior, o diabo. Uma psicopatia que se revela na interdependência de pilares antagônicos e hostis entre si que, se trabalham pelo mesmo fim, hão de se matar ao final, porque de homogêneos não têm nada. Todos militam de forma feroz contra tudo o que remete à tradição judaico-cristã, ou, como diz Paulo, “*Se opõe e se levanta contra tudo que se chama Deus ou é objeto de culto*” (II Tessalonicenses 2:4). E é aqui que se revela o traço mais ignóbil das narrativas anticristãs. Imagine que um lado temos o fundamentalismo religioso raivoso que impera no Oriente Médio, que apoia e sustenta o terrorismo e a barbárie contra mulheres, idosos e crianças, e do outro lado temos a militância progressista das “minorias”, com seu discurso patético sobre identidade de gênero, aborto e outras idiotices woke. Imagine se jogássemos esses dois grupos em uma ilha deserta. O que você acha que aconteceria?

Isso é o sistema.

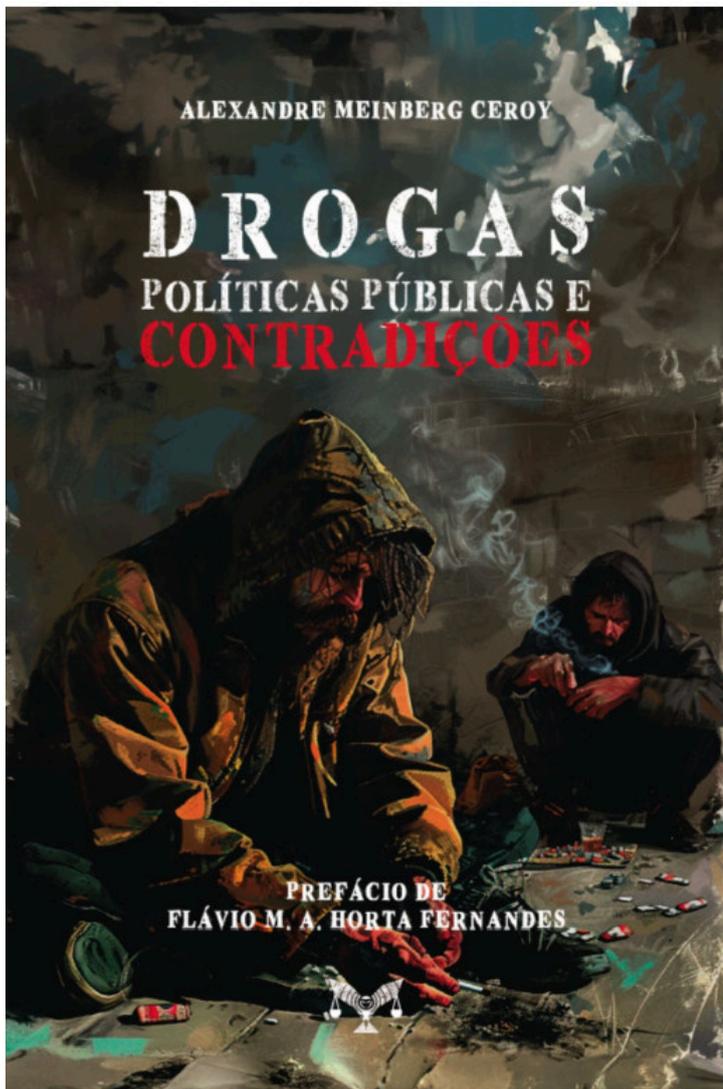
Caderno Variedades



Neste caderno encontrarão sugestões culturais. Dicas de filmes, livros, poemas, música.

Edição realizada por Leandro Costa

Dica de Livro



[Drogas, políticas públicas e contradições](#)

O presente livro aspira desenvolver uma reflexão crítica acerca da problemática das drogas diante do ordenamento jurídico brasileiro. Inicialmente o autor, magistrado do Tribunal de Justiça do Estado de Mato Grosso, insere o leitor no universo das substâncias entorpecentes, descrevendo seus efeitos físicos e psiquiátricos, bem como as consequências sociais advindas de seu consumo. Essa perspectiva já é, por si só, uma abordagem inovadora, na medida em que evita a reprodução de discursos ideológicos e a repetição de perigosos lugares comuns amplamente aceitos e, não obstante, carentes de absoluta demonstração. Registro que tal inserção perpassa toda a obra, demonstrando o esforço do autor em pesquisar todos os aspectos a respeito do assunto que aborda.

[Clique aqui](#) e adquira o seu exemplar.

REVISTA

ISSN 2764-3867

CONHECIMENTO &
CIDADANIA

Com conhecimento se constrói cidadania

SIGAM

Nossas redes sociais



Canal whatsapp Revista Conhecimento & Cidadania



revistaconhecimentocidadania@gmail.com



@revistaconhecimentocidadania



@revistaconhecimentocidadania



@RevConhecimento



<https://www.vakinha.com.br/4961006>

